## UMA POLÍTICA EXTERIOR NÃO ESTATAL? OS FASCIALL'ESTERO E A POLÍTICA EXTERNA DO PARTITO NAZIONALE FASCISTA, 1919-1943

João Fábio Bertonha

Uma discussão corrente no campo das relações internacionais já há vários decênios, mas muito reforçada nos últimos anos, sob o impacto da globalização, é aquela relativa aos atores que efetivamente atuam no campo internacional. Seriam os Estados os atores exclusivos no cenário mundial ou poderíamos incluir as empresas transnacionais, as ONGs e outros elementos no rol de participantes do mundo das relações exteriores? Uma resposta positiva parece ser consensual, mas a discussão sobre o grau de predomínio e/ou representatividade dos Estados e de sua autonomia no cenário internacional parece estar ainda em aberto.<sup>1</sup>

Outro debate interessante é sobre o próprio fazer-se da política exterior dos Estados Nacionais. Discute-se, de fato, se os Estados podem atuar de uma forma quase autônoma, reagindo a ditames ou regras inerentes ao campo internacional e à interação com outros Estados (o jogo do poder, a busca de prestígio e segurança do Estado, etc.) ou se a política exterior é feita a partir de pressões de grupos sociais e das elites políticas, econômicas e intelectuais e pode, portanto, fugir das regras rígidas do simples jogo entre organismos independentes fora de qualquer controle ou influência externa.<sup>2</sup>

Para o autor, parece evidente que, no jogo da política internacional, há algumas regras ou fórmulas que os Estados tendem a seguir quando confrontados com certas situações, e os cientistas políticos têm sido pródigos em estabelecer algumas dessas regras. Parece óbvio, porém, que o Estado não é um organismo vivo com desejos e interesses próprios, e que os formuladores das políticas externas desses Estados são homens que devem levar em conta, em seu trabalho, não só o que eles próprios consideram os interesses nacionais, como as pressões da sociedade e dos diferentes grupos que a compõem.

João Fábio Bertonha é Doutorando em História/UNICAMP e bolsista FAPESP.

Pode haver exceções a essa regra, especialmente no caso de Estados em que a sociedade civil é pouco organizada e/ou desinteressada das questões internacionais ou de Estados autoritários cuja capacidade de influência da sociedade sobre os dirigentes é menor. Mesmo nesse caso, contudo, parece possível afirmar que a política exterior não se cria a partir do nada e que ela está firmemente inserida dentro do mundo da política de cada Estado, que a condiciona e influencia.

No caso dos Estados totalitários, essa situação recebe tons especiais, na medida em que a autonomia do líder, para ditar os rumos da política externa e implementar a sua visão pessoal do que deve ser essa política, é imensamente superior a dos Estados democráticos. Outro diferencial é o papel que a ideologia assume nessa política, normalmente interagindo, nem sempre harmonicamente, com a política do Estado Nacional. Nesse sentido, as discussões sobre as especificidades que as ideologias nazista, fascista e comunista imprimiram às tradições políticas de
expansionismo e defesa dos Estados alemão, italiano e russo são particularmente acaloradas.

Outra característica peculiar dos Estados totalitários é que eles mantinham, dentro da sua estrutura de poder, partidos únicos que deviam controlar e gerir hierarquicamente suas sociedades. Em linhas gerais, esses partidos viviam uma relação simbiótica com o Estado, atuando dentro e em volta dele. Essa simbiose foi especialmente forte na União Soviética de Stálin e na Alemanha nazista, o que permitiu, para voltarmos ao campo das relações internacionais, que as pretensões autonomistas que pudessem haver no Partido Nacional Socialista (NSDAP) e no Partido Comunista da União Soviética (PCUS/Comintern) fossem razoavelmente bem controladas pelos Estados nazista e soviético.

No caso italiano, o controle fascista sobre o Estado foi menos abrangente, e o regime jamais conseguiu eliminar certas fontes de poder paralelo como a monarquia e a Igreja. Do mesmo modo, o grau de fusão entre partido e Estado foi menor, especialmente nos anos iniciais do regime, o que permitiu que choques entre os dois pólos continuassem por algum tempo após a ascensão fascista no poder e que experiências curiosas de coabitação viessem à tona. No caso da política externa, o caso dos fasci all'estero, ou seja, as seções do Partito Nazionale Fascista (PNF) implantadas no exterior para atingir as coletividades italianas emigradas e difundir a ideologia fascista, é, nesse sentido, dos mais singulares.

A experiência dos fasci all'estero e suas transformações são um capítulo a parte, de fato, na história do PNF pelo seu ineditismo: um partido que construía redes de seções no exterior para mobilizar seus cona-

cionais era algo, realmente, sem precedentes e que gerou reações dentro e fora da Itália.<sup>3</sup>

De fato, um dos pontos mais marcantes e inéditos dessa política de espalhar seções do PNF pelo mundo para difundir a ideologia fascista entre os emigrantes foi o estabelecimento, ao menos nos anos iniciais, de uma política externa paralela à do Estado, exercida pelo PNF, para transferir a política totalitária para os italianos do exterior e, após a sua cooptação, utilizá-los para influenciar e difundir a ideologia fascista nos países hospedeiros.

O esforço fascista nesse sentido foi intenso em todo o ventênio fascista, e o grau de expansão da rede de fasci all'estero pelo mundo pode ser inferida na seguinte tabela:

	1923 (fev)	1923 (julho)	1925	1929	1930	1934	1937	1939
Número de fasci all'estero	150	298	464	583*	623	460	481	487
Número de inscritos	-	4.315	-	125,000	140.000	140,000	180.000	_4

Como se observa, os números disponiveis são discrepantes e as estimativas fascistas, sem dúvida, pouco confiáveis. Realmente, as necessidades de propaganda e a confusão estatistica entre as células do PNF no exterior (os fasci all'estero) e as seções isoladas das mesmas tornam dificil estimar corretamente o número de fasci all'estero e de seus inscritos no período fascista. Tudo o que se pode admitir é que a rede de fasci all'estero se expandiu notavelmente, em termos quantitativos, pelo mundo (e, especialmente, pela Europa e América) no período considerado e que atingiu um universo máximo de cem a duzentos mil filiados no fim dos anos 30.

Um primeiro esboço dessa verdadeira teia de aranha que se espalhou pelo mundo surgiu no pensamento nacionalista. Já em 1918, de fato, a idéia de substituir a tradicional associação irredentista Trento e Trieste em favor de uma organização nacionalista, que cuidasse efetivamente da tutela e organização dos italianos do exterior, começou, sob a liderança de Giovanni Giuriati, a tomar corpo entre os nacionalistas italianos. O resultado foi o surgimento da Lega Nazionale per la tutela degli interessi nazionali em 1920.

Tal associação, que logo conseguiu o apoio de membros da família real e do governo, tinha por objetivos a propaganda econômica e comer-

cial italiana no exterior e a organização e tutela dos emigrantes italianos, porém teve uma discreta difusão no exterior, tendo aberto, inclusive, uma seção em São Paulo em 1920.

Ao mesmo tempo em que a Lega exercia suas atividades começaram, porém, a aparecer (na maioria das vezes, como veremos a seguir, espontaneamente) as primeiras seções do PNF no exterior, o que preocupava os dirigentes nacionalistas, pois seriam duas organizações semelhantes a contrapor-se.

Com a entrada dos nacionalistas no PNF, em 1923, ocorreu a dissolução da Lega, e as seções da mesma foram absorvidas pelos fasci all'estero, preferidos por Mussolini por sua maior confiabilidade e politização. Uma parte dos nacionalistas da Lega se incorporou, porém, ao grupo dirigente dos fasci all'estero, o que fez surgir uma ala menos "radical" no interior do partido.<sup>6</sup>

De fato, havia alas dentro do PNF que, especialmente nos inícios do partido, auspiciavam uma intervenção nas coletividades italianas do exterior não só em defesa dos interesses da Pátria mãe (como fazia a Lega), mas também para a difusão da ideologia fascista. A entrada dos nacionalistas na estrutura do PNF "suavizou" essa pretensão em favor de uma política mais focada na defesa do interesse nacional italiano, o que gerou, porém, tensões dentro do partido e, muito especialmente, na organização dos fasci all'estero.<sup>7</sup>

È interessante notar, também, como muitos dos primeiros fasci all'estero eram, se é possível usar essa expressão, mais fascistas que o pròprio PNF, escapando do seu controle direto. Foi justamente para retomar o controle da situação que o partido criou, ao se tornar governo, toda uma estrutura legislativa e administrativa para enquadrar os fasci all'estero.

É importante observar, realmente, como os primeiros fasci all'estero, surgidos no exterior entre 1920 e 1922, por iniciativa espontânea de simpatizantes locais, tinham atraído a atenção de Mussolini desde o início, que os encorajava, mas que não havia ainda diretrizes precisas (apesar de algumas reuniões e discussões no partido desde cedo)<sup>8</sup> sobre o que fazer com os mesmos.

Depois de 1922, porém, as seções dos fasci all'estero começaram a se multiplicar, e o PNF teve que agilizar a criação de alguma legislação para não perder o controle dos acontecimentos. Em dezembro de 1922, algumas normas de disciplinarização (organização centralizada, obediência ao delegado local do partido, o respeito às leis do país hospedeiro) já estavam esboçadas, e foram confirmadas pela reunião do Grande Conselho Fascista de 16/2/1923, que criou a Segretaria Gene-

rale dei fasci all'estero, sob a liderança de Giuseppe Bastianini, e em outras reuniões posteriores. A legislação que emanou dessas reuniões enfatizava a centralização e o controle, o que refletia a preocupação de Mussolini com o comportamento agressivo dos fascistas no exterior (com o potencial óbvio de conflitos internacionais) e a própria adaptação do partido à sua conversão a governo e à entrada dos nacionalistas, e de suas idéias mais moderadas, no seu interior.

Em 1925, ocorreu o primeiro congresso dos fasci all'estero, tendo como presidente honorário o futuro embaixador no Brasil Roberto Cantalupo. Nesse Congresso, discutiu-se o papel e as tarefas dos fasci no exterior e estabeleceu-se uma série de diretivas para impedir os fascistas do exterior de criarem problemas com os países hospedeiros de imigração italiana, dividir as coletividades e entrar em conflito com os diplomatas italianos. Outro congresso deveria ter acontecido em 1930, mas, antes disso, a questão dos fasci all'estero causou sério debate tanto no interior do PNF como na estrutura estatal, debate este que acabou levando a uma redefinição de sua função dentro da política externa do PNF e do Estado italiano.

Na realidade, o cuidado com o comportamento, com as relações entre as representações diplomáticas italianas e os governos estrangeiros refletem as divergências Estado/Partido no momento de formação do regime (1923/1926) e os fortes conflitos internos do PNF, e, também, problemas específicos dos fasci all'estero causados por sua ação no exterior, como conflitos, brigas de rua, etc. Esses problemas, por sua vez, eram causados pela visão política que o fascismo dava à emigração e pela orientação ideológica que Bastianini dava aos fasci all'estero.

O jovem Bastianini pertencia à ala esquadrista do PNF, que pretendia a "fascistização" total do Estado, incluindo o Ministero degli Affari Esteri, defendendo com unhas e dentes a idéia de que para ser italiano era necessário ser fascista, e aqueles que não concordassem deviam ser combatidos a ferro e fogo. Também a sua visão da emigração era ideológica: um fator de potência e expansão.

Organizar os emigrantes em serviço da Pátria significava, para Bastianini, convertê-los ao fascismo. Para isso, os fasci all'estero deviam hegemonizar as colônias, eliminando os rivais. As tradicionais associações dos emigrantes (com seus múltiplos posicionamentos políticos, formas de organização, etc.) e aos antifascistas, Bastianini ordenou uma política que levasse o domínio fascista às coletividades e a difusão da ideologia fascista no exterior.<sup>13</sup>

Nesse esforço, Bastianini ignorava as representações diplomáticas

ou, no máximo, aceitava que elas apoiassem os fasci all'estero na tarefachave de converter maciçamente os italianos do exterior para o fascismo.

Os critérios dessa política de Bastianini eram inspirados em uma visão de fascismo como a vanguarda de uma nova civilização italiana de concepção universal como a romanidade. Sendo assim, o fascismo deveria expandir-se e espalhar essa influência pelo mundo, a começar pelos italianos do exterior que seriam transformados em um sólido bloco de crentes e difusores de propaganda. Nesse esquema, o Estado regeneraria a pátria, enquanto o partido iria para o exterior difundir a mensagem fascista e criar o império.

Em resumo, na visão de Bastianini, os fasci all'estero seriam a forma pela qual o partido realizaria sua missão ideológica universal, espalhando sua revolução imperial de um novo primado italiano no mundo. Esse mito, que depois geraria também a idéia da "Internacional fascista" e da expansão italiana no mundo via solidariedade interfascismos, foi a chave do pensamento e da ação da Segretaria generale dei fasci all'estero nos seus primeiros anos e explica a fúria com que os fascistas se lançaram à conquista das colônias e ao choque com os antifascistas no exterior.

Para responder aos governos estrangeiros, irritados com os problemas que iam surgindo em seus territórios, Bastianini era pródigo em declarações sobre como os fasci all'estero não eram seções do PNF e de que os fascistas não tinham objetivo político no exterior. Pura mistificação, como comprovam as circulares secretas e a presença dos fasci all'estero no organograma do PNF. A independência dos fasci all'estero dentro do partido era, porém, cuidadosamente defendida por Bastianini justamente para esconder a ação direta do PNF no exterior e a sua própria concepção sobre o como eles deveriam agir.

O grande problema dessa visão de Bastianini (compartilhada, sem dúvida, por setores do PNF) era que ela entrava em colisão com os setores mais moderados do partido, que queriam uma atuação menos ostensiva dos fasci all'estero no exterior e, especialmente, criava uma política externa independente da do Estado italiano, o que levou a uma intensa disputa de prerrogativas entre a Segretaria dei fasci all'estero e o Ministero degli Affari Esteri.

De fato, a idéia de Bastianini de usar os fasci all'estero para controlar a política externa italiana e os italianos do exterior, dirigindo-a para uma posição realmente ideológica de contatos com os movimentos fascistas do exterior, 14 irritava os diplomatas que, apesar de serem, na maior parte dos casos, simpatizantes do fascismo, temiam os conflitos e problemas com os governos estrangeiros que uma atuação maciça dos fasci

all'estero poderia causar e, especialmente, a perda de sua autonomia e de seu controle das relações exteriores da Itália.

O resultado desse conflito foi a resistência dos diplomatas contra os fasci all'estero, os quais, capitaneados por Dino Grandi (o grande artifice da "fascistização" do Ministero degli Affari Esteri e, paradoxalmente, da resistência à ingerência direta do PNF dentro dele), 15 lutaram pela sua extinção pura e simples.

A posição de Grandi era, de fato, curiosa. De um lado, ele liderou, entre 1925 e 1929, uma profunda reforma no Ministero degli Affari Esteri, a qual trouxe muitos militantes fascistas para a estrutura do Ministério, aproximando-o do regime. Por outro lado, ele não aceitou que o partido dominasse o órgão, o que refletia suas concepções particulares sobre o que era a revolução fascista e o papel privilegiado do Estado nessa revolução.

Bastianini reagiu acusando o *Ministero degli Affari Esteri* de pouco vigor fascista e encaminhando denúncias a Mussolini e a outros dirigentes. O primeiro congresso dos *fasci all'estero* (1925) se desenvolveu, assim, num clima de domínio do fascismo intransigente e de luta com o Estado.

Mussolini se equilibrava, então, entre partido e Estado. Ele aceitava as idéias de Bastianini e considerava útil manter os fasci all'estero como força de apoio à sua diplomacia paralela no exterior. Ele não podia permitir, contudo, que surgissem problemas com os diplomatas e nem com os governos estrangeiros. Renunciar aos fasci all'estero e seu projeto era inaceitável, mas as pressões contra eles eram fortes, o que gerou um problema para o fascismo.

A solução de compromisso encontrada foi subordinar os fasci all'estero aos diplomatas, mas exigindo do Ministero degli Affari Esteri o apoio às medidas "fascistizantes" dos emigrantes (ainda que com cautela e graduais), ao mesmo tempo em que convertia em pessoas de fé fascista, às quais era, por fim, confiada a tarefa de fascistizar os emigrantes.

Grandi foi, como já explicitado, o grande artífice dessa política, que mantinha as colônias como zona de influência fascista, mas anulava as pretensões autonomistas e de difusão maciça da doutrina fascista de Bastianini, cuja demissão da Segretaria Generale dei fasci all'estero, em 1927, fecha um ciclo na sua história, com a subordinação direta ao Ministero degli Affari Esteri. 18 Houve, claro, resistências a essa situação nos fasci all'estero (como a rápida demissão do sucessor de Bastianini, Di Marzio, em 1928, vem a comprovar), e alguma autonomia foi sempre mantida por eles. No geral, porém, é perceptível como o conflito Estado/partido, dos primeiros anos do fascismo, também se reproduziu nes-

46

sa área específica, com o Estado italiano sendo fascistizado, mas não sendo totalmente eclipsado pelo partido.

É curioso notar como esses conflitos se desdobraram em quase todos os países de imigração italiana, como na França, onde o fascismo radical, esquadrista e linha dura de Nicola Buonservizi entrou em choque com os representantes consulares locais e levou à uma intervenção conciliatória de Mussolini, <sup>19</sup> ou, ainda, na Suíça, onde os diplomatas italianos levaram um bom tempo para controlar e disciplinar os fascistas locais.<sup>20</sup>

O caso britânico também é bastante curioso, especialmente pela presença de um fascista intransigente, muito chegado a Bastianini (Camilo Pellizzi) e detentor de uma visão de fascismo que privilegiava seus aspectos esquadristas e revolucionários. Controlar esse foco de fascismo dissidente foi um trabalho de anos dos diplomatas italianos locais, o qual terminou com o fascio burocratizado e rigidamente disciplinado pela Embaixada italiana, especialmente no período de Dino Grandi como embaixador em Londres a partir de 1932.<sup>21</sup>

O caso mais emblemático, porém, foi o americano.<sup>22</sup> De fato, os primeiros fasci all'estero nascidos nos Estados Unidos, por iniciativa basicamente de ex-combatentes, foram rapidamente colocados sobre o controle do PNF, mas continuaram resistindo à idéia de servir ao corpo diplomático e aos esforços do embaixador Caetani para "suavizá-los" e acalmar a opinião pública americana, irritada com a ingerência fascista no país. Tentativas de acomodação foram feitas, mas as lutas entre os diplomatas e os dirigentes dos fasci all'estero nos EUA continuaram por toda a primeira metade dos anos 20, causando grandes discussões a respeito do problema na Itália.

Anote-se, aliás, que, segundo Philip Cannistraro, <sup>23</sup> o estímulo imediato para a decisão do governo fascista de submeter os fasci all'estero ao controle do Ministero degli Affari Esteri teria vindo, em boa parte, justamente da análise da situação nos Estados Unidos, país-chave para a Itália e que convinha influenciar, de forma especial via naturalização e participação política dos imigrantes na sociedade americana. <sup>24</sup> Para que isso se desse, porém, devia-se quebrar a resistência dos fasci all'estero, que queriam controlar politicamente os imigrantes e impedir a naturalização destes, o que teria conduzido às já mencionadas medidas que subordinaram os fasci all'estero ao Ministero degli Affari Esteri.

Os conflitos entre órgãos diplomáticos italianos e os antifascistas com os cada vez mais difundidos *fasci* dos EUA continuaram, porém, na segunda metade da década de 20, irritando Roma e a opinião pública americana. Teria sido em razão desses acontecimentos que Bastianini e

Di Marzio foram demitidos da Segretaria Generale dei fasci all'estero, em 1927/1928, e que o estatuto dos fasci all'estero (enfatizando a submissão destes aos cônsules e a absoluta necessidade de evitar atritos com as sociedades hospedeiras) foi aprovado, também, em 1928. A opinião pública norte-americana continuava, porém, irritada com a ação fascista na América do Norte, e o resultado foi que, para evitar problemas maiores, Mussolini foi obrigado a dissolver os fasci americanos em 1929, substituindo-os por uma propaganda mais sutil e gerada a partir das associações, clubes e outras organizações da vida coletiva italiana nos Estados Unidos. Os interesses de Estado, assim, triunfaram mais uma vez sobre os desejos do partido (ou, ao menos, de parte dele).

Um efeito dessa vitória foi a flexibilização da política italiana relativa aos emigrantes nos diversos países e contextos em que havia populações de origem italiana. De fato, o que predominou não foi uma política externa e de emigração rigidamente ideológicas (como desejado por setores do Partito Nazionale Fascista), mas uma política muito mais maleável e relacionada com os interesses nacionais italianos, o que agradava também aos setores nacionalistas do partido. Como efeito disso, também os fasci all'estero se revelaram, a partir de então, em cada país de imigração italiana, muito diversificados em termos de objetivos e atividades.

De fato, enquanto os fasci all'estero de Malta, da Tunísia e da Suíça, por exemplo, eram abertamente agressivos com relação à comunidade italiana e às próprias populações locais, 26 os dos Estados Unidos
permaneciam camuflados, 27 e os da França refletiam o nível das relações
franco-italianas. 28 Um exame do mapa de distribuição dos fasci all'estero
pelo mundo também revela que, apesar da concentração dos mesmos nas
áreas de forte imigração italiana, havia um número anormal de seções
bastante ativas na região mediterrânea/danubiana, não por acaso áreas
privilegiadas do imperialismo italiano. 29 Tudo isso indica que, a parte
as diretrizes gerais de influenciar as coletividades italianas do exterior
em senso pró-fascista, cada fasci all'estero tinha especificidades próprias,
em termos de funções e objetivos, especificidades estas que só uma longa série de estudos regionais poderia recuperar. 30

Curiosamente, não só os fasci all'estero seguiam diretrizes diversas em cada país ou região, como, também, eram percebidos de maneira diversa. O governo britânico, por exemplo, praticamente ignorava, no período pré-1935, o fascio de Londres, por considerá-lo inofensivo, enquanto o de Alexandria (Egito) era vigiado por receio de ações de sabotagem. Em 1928, aliás, o embaixador britânico em Roma enviou um oficio ao Foreign Office ressaltando justamente que os fasci all'estero não

eram perigosos para o Reino Unido, pois se limitariam a defender a italianidade, o que poderia ser problema para países com grandes coletividades italianas como França e Estados Unidos, mas certamente não para o Reino Unido.<sup>31</sup> Uma análise talvez superficial, mas que revela a multiplicidade de tipos de fasci all'estero (e de visões sobre estes) que poderiam ser encontrados pelo mundo.

Como bem ressalta Emílio Gentile, 3º de fato, escrever uma história unitária dos fasci all'estero é tarefa dificultada pela amplitude de experiências políticas e sociais que eles tiveram em cada uma das diversas comunidades italianas do exterior e em cada pais hospedeiro. Ainda assim, alguns objetivos gerais de favorecimento dos interesses políticos e econômicos italianos, de preservação da italianidade dos imigrantes e de difusão do fascismo, podem ser elencados, assim como não parece inútil tentar reunir alguns outros elementos da história dos fasci all'estero que permitam a criação de um esquema geral da evolução e da vida dos mesmos.

Uma comparação dos primeiros anos de ação dos fasci all'estero nas coletividades italianas do exterior revela, de fato, semelhanças notáveis. Realmente, em um sem-número de contextos, a maioria dos primeiros fasci all'estero surgiu espontaneamente, dentro do clima patriótico do fim da Primeira Guerra Mundial, normalmente por obra de veteranos de guerra. Mesmo após a sua disciplinarização por parte de Roma, a partir de 1922/1923, eles permaneceram, como visto, carregados de uma forte tintura ideológica e esquadrista, que os levou a um ataque a ferro e fogo pelo controle das associações e da vida coletiva das coletividades italianas, e a violentos choques com militantes antifascistas, com saldo de centenas de mortos e feridos.<sup>34</sup>

A agressividade dos fascistas e a do pessoal de péssima qualidade (corrupto e incompetente, em sua grande maioria)<sup>35</sup> que fora enviado de Roma para assumi-los, ou fundá-los, causaram fortes reações nas comunidades emigradas, nos países hospedeiros e, também, no pessoal diplomático italiano. Fica claro, assim, por que dos fasci all'estero, vistos com desconfiança e antipatia pelos emigrantes e pelos governos locais, formados com gente de reputação duvidosa e em choque aberto com os antifascistas, pouco se desenvolveram, em seus anos iniciais (a não ser em número de seções), e causaram um caos no mundo da diáspora italiana.

A partir, grosso modo, dos anos 30, os fasci all'estero, acomodados dentro das estruturas do Estado fascista, de viveram uma fase mais tranquila. De fato, as diretrizes de conquista direta das coletividades italianas do exterior, com ataque frontal aos antifascistas e resistentes, foram substituídas por uma tática mais suave, em que os fasci all'estero se

tornaram mais abertos e menos intransigentes, ambicionando hegemonizar a vida coletiva dos italianos do exterior (sob a mediação dos consulados), mas não tomar de assalto as colônias.

Nessa nova tática, os fasci all'estero passaram a se dirigir à massa de imigrantes, procurando cooptá-la na sua totalidade, se possível,<sup>37</sup> e substituindo os conflitos de rua pela propaganda, atividades assistenciais e culturais e cerimônias de defesa da italianidade e do fascismo.<sup>38</sup>

É curioso notar, contudo, que, à medida que a política externa italiana foi assumindo características mais ideológicas (fazendo a política externa do Estado italiano confundir-se mais e mais com a expansão da ideologia fascista pelo mundo) no decorrer dos anos 30, a função "subversiva" dos fasci all'estero, que nunca havia sido abandonada totalmente, foi reorganizada, tendo eles papel importante – ao menos em alguns locais<sup>39</sup> – na "diplomacia paralela" de Mussolini e no contato com os movimentos fascistas estrangeiros. Uma grande diferença da "fase esquadrista" dos fasci all'estero do início dos anos 20, contudo, existia, pois, dessa vez, a ação dos mesmos estava firmemente sob controle de Roma e não em oposição a ela.

Os fascistas não conseguiram, de qualquer forma, congregar todos os italianos do exterior em torno dos fasci all'estero, mesmo no seu período mais brando. De fato, no auge do movimento, em 1937, existiam, segundo dados mencionados anteriormente, apenas 180 mil militantes fascistas (mais 65 mil jovens) espalhados pelo mundo, o que é um número de alguma relevância, mas que perde expressividade se lembrarmos que, nessa época, mais de dez milhões de italianos e descendentes viviam, segundo as próprias estatísticas fascistas, no exterior.

Na realidade, a bibliografía internacional sobre o tema demonstra como, nos contextos mais diversos, apenas uma pequena minoria dos imigrantes foi convertida em militante dos fasci all'estero, e que a esmagadora maioria desses militantes era constituida de membros da burguesia e das classes médias italianas locais. Essa característica explicava, aliás, por que, por exemplo, os militantes fascistas eram em porcentagem altíssima no Reino Unido e no Peru (onde a coletividade italiana era formada basicamente de comerciantes e outros membros das classes médias) e microscópica em Longwy (França), onde os trabalhadores eram a maioria dos imigrantes. Essa característica expli-

A experiência dos fasci all'estero, de qualquer forma, não deixou de ter reflexos importantes na política de diversos países (incluindo o Brasil) ao apoiar a difusão da ideologia fascista em vários continentes. Ela também nos fornece subsídios para a compreensão da interação par-

tido/Estado nos regimes totalitários e ajuda a quebrar a idéia de um fascismo monolítico, integral e exclusivamente dedicado à promoção dos interesses da burguesia e repressão do operariado. De fato, o que se percebe na história dos fasci all'estero é a existência de diferentes projetos em jogo, a serem postos em aplicação, recusados e reelaborados conforme as condições e realidades da política do momento.

Por fim, a experiência dos fasci all'estero nos revela o curioso filão de uma história das relações internacionais vista não a partir dos Estados nacionais, mas de partidos transnacionais. Nesse sentido, poderíamos citar, por exemplo, as experiências de solidariedade entre anarquistas e socialistas e do proletariado em geral nos mais diversos países do mundo ocidental nos séculos 19 e 20,44 ou nas reuniões de solidariedade dos partidos de esquerda de vários países em anos recentes, que faziam e fazem conexões entre os países passando ao largo, muitas vezes, das ações oficiais de governos. O exemplo de solidariedade entre os partidos comunistas, muitas vezes mediada por organismos como as Internacionais e o Comintern, é, nesse aspecto, clássico.45

O campo mais interessante de trabalho, porém, é aquele que relaciona as políticas e as solidaridades de partidos do mesmo credo político com a política de poder de um ou mais Estados. Compreender melhor como se dão essas relações é, ainda mais num mundo globalizado, algo chave seja para os interessados nas políticas de projeção de poder dos Estados, seja para as pessoas curiosas sobre a possibilidade de um relacionamento autônomo dos partidos e outros organismos da sociedade civil no panorama internacional. É, talvez, no observar dessas questões que a história dos fasci all'estero deixe de ser uma mera curiosidade da história italiana e do fascismo para adquirir uma certa relevância no debate político contemporânco.

## NOTAS

- Ver Bertonha, João Fábio. A geopolítica latino-americana: as relações Brasil e Argentina. Pensando o Brasil, São Paulo, v.IV, n.13, p.11-13, dez.1995 e Alca e Mercosul: A integração do continente americano em perspectiva estratégica. Revista Brasileira de Política Internacional, v.41, n.2, 1998, no prelo.
- Úma boa introdução para essa discussão é Deutsch, Karl. Análise das relacões internacionais. Brasília: Editora da UnB, 1982.
- Quando não indicado em contrário, as informações das próximas páginas virão de Gentile, Emílio. La politica estera del partito fascista. Ideologia e

51

- organizzazione dei Fasci italiani all'estero, 1920-1930. Storia Contemporanea, Roma, v.XXVI, n.6, p.897-956, dez.1995.
- sendo 289 na Europa, 210 na América, 49 na África, 28 na Ásia e 7 na Oceania.
- 4. As informações para essa tabela vieram de Gentile, Emílio. op. cit., p.921 e 955; Wiegandt Sakoun, Caroline. Le fascisme italien en France. In: Milza, Pierre (org.). Les italiens en France de 1914 a 1940, Collection de L'Ecole Française de Rome 94, Roma: Ecole Française de Rome, 1986, p.279-287; Fabiano, Domenico. I fasci italiani all'estero. In: Bezza, Bruno (org.). Gli italiani fuori d'Italia.. Milano: Franco Angeli Editore, 1983, p.221-236; Santarelli, Enzo, Richerche sul fascismo. Urbino: Argalia Editore, 1971 e Intorno ai fasci all'estero. In: Fascismo e neofascismo. Studi e problemi di ricerca. Roma: Riuniti, 1974, p.113-133; Dupont, Amelio. I fasci all'estero. In: Realizzazioni fasciste nella vita pubblica italiana. Roma, 1932, p.279-287; Bastianini, Giuseppe. Gli italiani all'estero. Milano: Mondadori, 1939 e L'Italia nel campo internazionale. Il Legionario, Roma, v.XV. n.20, 19 maio 1937.
- Para uma análise das conexões entre as políticas emigratória e externa da Itália liberal e da Itália fascista, ver Bertonha, João Fábio. A migração internacional como fator de política externa: Os emigrantes italianos, a expansão imperialista e a política externa da Itália, 1870-1943. Contexto Internacional, Rio de Janeiro, 1998, no prelo.
- Ver Santarelli, Enzo. Richerche sul fascismo, citado e Fabiano, Domenico. La Lega italiana per la tutela degli interessi nazionali e le origini dei fasci italiani all'estero (1920-1923). Storia Contemporanea, Roma, v.XVI, n.2, p.203-250, 1985.
- Veneruso, Danilo. La politica estera fascista dal nazionalismo alla rivoluzione senza contenuto. Affari Sociali Internazionali, Roma, n.28, p.808-822, out.1975.
- Dois dos fundadores do fascio de Lugano (Suíça), por exemplo, estiveram no Congresso de novembro de 1921 que transformou o movimento fascista no PNF e, já nesse momento, solicitavam a criação de uma agência coordenadora dos fasci all'estero. Ver Mornati, Fiorenzo. Gli intellettuali, il partito e il fascismo italiano a Losanna. Storia Contemporanea, Roma, v.XXVI, n.6, p.1003-1059, dez.1995.
- Para a biografia dos três líderes da Segretaria dei fasci all'estero (Giuseppe Bastianini entre 1922 e 1927, Cornélio di Marzio entre 1927 e 1928 e Piero Parini no pós-1928), ver Cannistraro, Philip. Historical Dictionary of fascist Italy. Westport/London: Greenwood Press, 1982, p.62, 170-171 e 393-394.
- Para detalhes sobre a legislação criada pelo PNF a respeito dos fasci all'estero no início dos anos 20, ver Gentile, Emílio. Op. cit., e Fabiano, Domenico. I fasci italiani all'estero, citado.
- Sobre as diferenças entre o imperialismo mais tradicional dos nacionalistas e o "imperialismo fascista", que alguns fascistas queriam impor à ação dos

- fasci all'estero, vide Carocci, Giampiero, La politica estera dell'Italia fascista (1923-1928). Bari: Laterza, 1969.
- Fabiano, Domenico. Op. cit.; Parini, Piero. I fasci italiani all'estero. In: II Decenale. Firenze: Vallecchi Editore, 1929, p.407-430 e Rainiero, Roman. Politica di potenza e fasci italiani all'estero. In: DI NOLFO, Ennio. L'Italia e la politica di potenza in Europa (1938-1940). Milano: Marzorati, 1988, p.145-147.
- 13. Bertonha, João Fábio. Op. cit.
- 14. Carocci, Giampiero. Op. cit.
- Nello, Paolo. Introduzione. In: Grandi, Dino. La politica estera dell'Italia dal 1929 al 1932. Roma: Bonacci, 1985, p.16-18; Dino Grandi – la formazione di un leader fascista. Bologna: Il Mulino, 1987, p.256-264, e Un fedele disubbidiente – Dino Grandi dal Palazzo Chigi al 25 Luglio. Bologna: Il Mulino, 1993, p.14-15.
- Serra, Enrico. La burocrazia della politica estera italiana. In: Bosworth, Richard e Romano, Sérgio. La politica estera italiana (1860-1985). Bologna: Il Mulino, 1991.
- 17. Nello, Paolo. Introduzione, citado, p. 13-18.
- Ver a legislação a respeito em Bosio, Giovanni. Il console e la sua figura giuridica. Roma: INCD, 1939.
- Milza, Pierre. Le fascisme italien a Paris. Revue d'histoire Moderne et Contemporaine, Paris, n.XXX, p.420-452, jul/set. 1983 e L'Italia ufficiale in Francia. In: Italiani di Francia - L'immigrazione tra le due guerre. Colezione Storia e Dossier 35, Firenze, Giusti, 1989, p.19-22.
- Ver Mornati, Fiorenzo. Op. cit. e Cerutti, Mario. Fra Roma e Berna. La Svizzera italiana nel ventennio fascista. Milano: Franco Angeli, 1986.
- Valli, Roberta. Il fascio italiano a Londra. L'attività politica di Camilo Pellizzi. Storia Contemporanea, Roma, v.XXVI, n.6, p.957-1001, dez.1995.
- 22. As informações a seguir se originam de Bertello, Lúcia. I fasci negli Stati Uniti d'America La propaganda fascista e le comunità italiane. Bollettino del Comitato di Coordinamento per gli studi di storia americana, v.3, n.29, jan.1974; Bicocchi, Daria Frezza. Propaganda fascista e comunità italiene in USA: La Casa italiana della Columbia University. Studi Storici, Roma, v.XI, n.4, p.661-697, 1970; Cassels, Alan. Fascism for export: Italy and the United States in the twenties. American Historical Review, 69, p.707-712, 1964; Migone, Gian Giacomo. Il regime fascista e le comunità italo-americane; la missione di Gelasio Caetani (1922-1925). In: Problemi di storia nei rapporti tra Italia e Stati Uniti. Torino: Rosenberg & Sellier, 1971, p.25-41; Salvemini, Gaetano. Italian Fascist Activities in the United States. New York: Center for Migration Studies, 1977 e, especialmente, Cannistraro, Philip.Per una storia dei Fasci negli Stati Uniti (1921-1929). Storia Contemporanea, Roma, v.XXVI, n.6, p.1061-1144, dez.1995.
- 23. Cannistraro, Philip. Op. cit.
- Ver Bertonha, João Fábio. A migração internacional como fator de política

externa: os emigrantes italianos, a expansão imperialista e a política externa da Itália, 1870-1943, citado, e Fascism and the Italian communities in Brazil and in the United States: a comparative perspective. *Italian Americana*, Providence, 1998, no prelo.

25. Ver Bertonha, João Fábio. Op. cit., e Nello, Paolo. Introduzione, citado, p. 17.

- Cerutti, Mauro. Op. cit., Gallo, Max. Cinquieme Colonne, 1930-1940. Plon, 1970; Rainiero, Roman. La rivendicazione fascista sulla Tunisia. Milano: Marzorati, 1978 e Le gouvernement français et les italiens de Tunisie (1938-1945). In: Milza, Pierre e Penchanskyi, Denis. Exils et migration Italiens et espagnols en France, 1938-1945. Paris: Editions L'Harmattan, 1994, p.163-174, e Bessis, Juliette. La Mediterranee fasciste L'Italia mussolinienne et la Tunisie. Paris: Khartala, sem data.
- 27. Salvemini, Gaetano. Op. cit.
- 28. Milza, Pierre. Le fascisme italien a Paris, citado.
- Ver, para informações sobre esses fasci, as coleções de Il Legionário; I fasci italiani all'estero e Aquilotti d'Italia, jornais da Segretaria Generale dei fasci all'estero.
- 30. A tese de doutorado do autor trabalha exaustivamente a ação dos fasci all'estero no Brasil. Com relação ao material já impresso e disponível para consulta, ver algumas informações em Bertonha, João Fábio. O Brasil, os imigrantes italianos e a política externa fascista, 1922-1943. Revista Brasileira de Política Internacional, v.40, n.2, p.106-130, 1997.
- Valli, Roberta. Op. cit., p.995-996.
- 32. Gentile, Emílio. Op. cit., p.898.
- Para o caso francês, ver Schor, Ralph. Il fascismo italiano nelle Alpes, 1922-1939, Notiziario dell'Istituto Storico della Resistenza in Cuneo, Cuneo, n.26, p.21-56, dez.1984 e Les italiens dans les Alpes Maritimes, 1938-1946. In: Milza, Pierre. Les italiens en France de 1914 a 1940. citado, p.576-607; Wiegandt Sakoun, Caroline. Op. cit.; Milza, Pierre. Le fascisme italien a Paris e L'Italia ufficiale in Francia, citados e Le fascisme italien en France (1938-1945). In: Perona, Gianni. Gli italiani in Francia, 1938-1946, Milano: Franco Angeli, 1994, p.91-104 e Couder, Laurent. Les italiens de la region parisienne dans les années 20. In: Milza, Pierre, Les italiens de France de 1914 a 1940, citado, p.501-546. Para o caso americano, ver Salvemini, Gaetano. Op. cit., Diggins, John. L'America, Mussolini e il fascismo. Bari: Laterza, 1972 e Cannistraro, Philip. Per una storia dei fasci, citado e, para o suíço, Cerutti, Mário. Op. cit.; Cantini, Claude. Per una storia del fascismo italiano a Losanna, Italia Contemporanea, n.119, p.51-77, abr/jun.1975; Signori, Elisa. La Svizzera e i fuorusciti italiani - Aspetti e problemi dell'emigrazione politica, 1943-1945. Milano: Franco Angeli, 1983 e Mornati, Fiorenzo. Op. cit. As informações sobre o caso britânico estão em Valli, Roberta. Op. cit.
- 34. Fasci italiani all'estero, 35 morti, 212 feriti. Roma, 1930 e Fasci italiani all'estero, 45 morti, 283 feriti. Roma, 1933.
- 35. Até observadores fascistas, em análises posteriores, admitiam essa baixa

- qualidade. Ver Bartolotti, Domenico. Alcune verità sulla emigrazione italiana. Milano: Gastaldi, 1953.
- Para a participação dos fasci all'estero nas mostras fascistas de 1932, 1937
   e 1942, ver Fioravanti, Gigliola. Mostra della Rivoluzione fascista. Roma: Archivio Centrale dello Stato, 1990, p.280-281.
- 37. Cannistraro, Philip. Historical Dictionary of fascist Italy, citado, p. 197-198.
- 38. Milza, Pierre. Le fascisme italien a Paris, citado, e Mornati, Fiorenzo. Op. cit.
- Ver, por exemplo, Gallo. Max. Op. cit., para o caso da ilha de Malta e Cerutti, Mário. Op. cit., p.432-433 para as relações do líder fascista suíço Fonjallaz com Roma, mediadas pelos órgãos diplomáticos italianos e pelos fasci all'estero da Suíça.
- Para o uso da estrutura dos fasci all'estero na Guerra da Abissínia, em 1935/1936, em todo o mundo e, especialmente, no Reino Unido, ver Goglia, Luigi. La propaganda italiana a sostegno della guerra contro l'Etiopia svolta in Gran Bretagna nel 1935-1936. Storia Contemporanea, Roma, v.XX, n.5, p.845-906, out.1984, p.894-895.
- 40. Cannistraro, Philip. Per una storia dei fasci, citado.
- Ver Milza, Pierre. Le Fascisme italien a Paris e Le Fascisme italien en France (1938-1945), citados; Noiriel, Gerard. Le fascisme italien dans le Bassin de Longwy pendant l'entre deux guerres, Risorgimento, v.4, n.1 e 2, p.139-145, 1983 e Schor, Ralph. Les italiens dans les Alpes maritimes durant les années In: Temine, Emile. Gli italiani nella Francia del Sud ed in Corsica (1860-1980). Milano: Franco Angeli, 1988, p.231-238 para a França; Salvemini, Gaetano, Op. cit., para os EUA; Fayot, Ben, Les socialistes luxembourguois et L'Italie fasciste (1925-1940). In: Dumoulin, Michel. Aspects des relations de la Belgique, du Grand Duchè de Luxembourg et les Pays Bas avec l'Italie, 1925-1940. Bruxelles, 1983, p.189-206 para o Luxemburgo, Signori, Elisa. Op. cit., para a Suíça; Morelli, Anne. Les tentatives d'implantation fasciste dans l'emigration italienne en Belgique, Risorgimento - Revue europeenne d'histoire italiene contemporaine, v.I. n.1, p. 47-57, 1980, e Fascismo e antifascismo nell'emigrazione italiana in Belgio (1922-1940). Roma, Bonacci, 1987, para a Bélgica e Bessis, Juliette. Op. cit., e Rainiero, Roman. La rivendicazione fascista sulla Tunisia, citado para o caso tunisino.
- Colpi, Terri. The Italian Factor The Italian Community in Great Britain. Edinburgh: and London, Mainstream Publishing, 1991, e Bonfiglio, Giovanni. La presenza italiana in Peru, una prospettiva storica. Altre Italie, Torino, n.16, p.26-35, jul/dez.1997.
- 43. Noiriel, Gerard. Longwy, immigrès et proletaires, 1880-1980. Paris: PUF, 1980.
- Para o caso dos imigrantes italianos, ver Ottanelli, Fraser e Gabaccia, Donna. Diaspora or International Proletariat? Italian Labor, Labor Migration and the Making of Multiethnic States, 1815-1939. *Diaspora*, v.6, n.1, p.61-84, 1997.
- 45. O fascinante caso da "Internacional fascista", cuja problemática relaciona-se diretamente ao abordado neste artigo, será objeto de texto futuro do autor.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARTOLOTTI, Domenico. Alcune verità sulla emigrazione italiana, Milano; Gastaldi, 1953.
- BASTIANINI, Giuseppe. Gli italiani all'estero. Milano: Mondadori. 1939.
- BERTELLO, Lúcia. I fasci negli Stati Uniti d'America La propaganda fascista e le comunità italiane. Bollettino del Comitato di Coordinamento per gli studi di storia americana, v.3, n.29, janciro/1974.
- BERTONHA, João Fábio. A geopolítica latino-americana: as relações Brasil e Argentina. Pensando o Brasil, São Paulo, v.IV, n.13, p.11-13, dezembro/ 1995.
- \_\_\_\_\_. O Brasil, os imigrantes italianos e a política externa fascista, 1922-1943. Revista Brasileira de Política Internacional, v.40, n.2, p.106-130, 1997.
- \_\_\_\_\_. Alca e Mercosul: A integração do continente americano em perspectiva estratégica. Revista Brasileira de Política Internacional, v.41, n.2, 1998, no prelo.
- \_\_\_\_\_\_. A migração internacional como fator de política externa: os emigrantes italianos, a expansão imperialista e a política externa da Itália, 1870-1943. Contexto Internacional, Rio de Janeiro, 1998, no prelo.
- \_\_\_\_\_. Fascism and the Italian communities in Brazil and in the United States: a comparative perspective. Italian Americana, Providence, 1998, no prelo.
- BESSIS, Juliette. La Mediterranée fasciste L'Italia mussolinienne et la Tunisie. Paris: Khartala, sem data.
- BICOCCHI, Daria Frezza. Propaganda fascista e comunità italiene in USA: La Casa italiana della Columbia University. Studi Storici, Roma, v.XI, n.4, p.661-697, 1970.
- BONFIGLIO, Giovanni. La presenza italiana in Peru, una prospettiva storica. AltreItalie, Torino, n.16, p.26-35, jul/dez 1997.
- BOSIO, Giovanni. Il console e la sua figura giuridica. Roma: INCD, 1939.
- CANNISTRARO, Philip. Historical Dictionary of fascist Italy. Westport/London: Greenwood Press, 1982.
- \_\_\_\_\_. Per una storia dei Fasci negli Stati Uniti (1921-1929). Storia Contemporanea, Roma, v.XXVI, n.6, p.1061-1144, dez/1995.
- CANTINI, Claude. Per una storia del fascismo italiano a Losanna. Italia Contemporanea, n.119, p.51-77, abr/jun 1975.
- CAROCCI, Giampiero. La politica estera dell'Italia fascista (1923-1928). Bari: Laterza, 1969.
- CASSELS, Alan. Fascism for export: Italy and the United States in the twenties. American Historical Review, n.69, p.707-712, 1964.
- CERUTTI, Mario. Fra Roma e Berna. La Svizzera italiana nel ventennio fascista. Milano: Franco Angeli, 1986.
- COLPI, Terri. The Italian Factor The Italian Community in Great Britain, Edinburgh: and London: Mainstream Publishing, 1991.
- COUDER, Laurent. "Les italiens de la region parisienne dans les annès 20" in

- Milza, Pierre. Les italiens de France de 1914 a 1940. Roma, Ecole Française de Rome, 1986, p.501-546.
- DEUTSCH, Karl. Análise das relações internacionais. Brasília: Editora da UnB, 1982.
- DIGGINS, John. L'America, Mussolini e il fascismo. Bari: Laterza, 1972.
- DUPONT, Amelio. I fasci all'estero. In: Realizzazioni fasciste nella vita pubblica italiana. Roma, 1932, p.279-287.
- FABIANO, Domenico. I fasci italiani all'estero. In: Bezza, Bruno (org.). Gli italiani fuori d'Italia. Milano: Franco Angeli Editore, 1983, p.221-236.
- \_\_\_\_\_. La Lega italiana per la tutela degli intressi nazionali e le origini dei fasci italiani all'estero (1920-1923). Storia Contemporanea, Roma, v.XVI, n.2, p.203-250, 1985.
- FASCI italiani all'estero, 35 morti, 212 feriti, Roma, 1930.
- FASCI italiani all'estero, 45 morti, 283 feriti. Roma, 1933.
- FIORAVANTI, Gigliola. Mostra della Rivoluzione fascista. Roma: Archivio Centrale dello Stato, 1990.
- GALLO, Max. Cinquieme Colonne, 1930-1940. Plon, 1970.
- GENTILE, Emílio. La politica estera del partito fascista. Ideologia e organizzazione dei Fasci italiani all'estero, 1920-1930. Storia Contemporanea, Roma, v.XXVI, n.6, p.897-956, dez/1995.
- GOGLIA, Luigi. La propaganda italiana a sostegno della guerra contro l'Etiopia svolta in Gran Bretagna nel 1935-1936. Storia Contemporanea, Roma, v.XX, n.5, p.845-906, out/1984.
- MIGONE, Gian Giacomo. Il regime fascista e le comunità italo-americane; la missione di Gelasio Caetani (1922-1925. In: Problemi di storia nei rapporti tra Italia e Stati Uniti. Torino: Rosenberg & Sellier, 1971, p.25-41.
- MILZA, Pierre. Le fascisme italien a Paris. Revue d'histoire Moderne et Contemporaine, Paris, n.XXX, p.420-452, jul/set 1983.
- \_\_\_\_\_. L'Italia ufficiale in Francia. In: Italiani di Francia L'immigrazione tra le due guerre. Colezione Storia e Dossier 35, Firenze, Giusti, 1989, p.19-22...
- \_\_\_\_\_\_. Le fascisme italien en France (1938-1945). In: PERONA, Gianni. Gli italiani in Francia, 1938-1946. Milano: Franco Angeli, 1994, p.91-104.
- MORNATI, Fiorenzo. Gli intellettuali, il partito e il fascismo italiano a Losanna. Storia Contemporanea, Roma, v.XXVI, n.6, p.1003-1059, dez/1995.
- NELLO, Paolo. Introduzione. In: Grandi, Dino. La politica estera dell'Italia dal 1929 al 1932. Roma: Bonacci, 1985.
- \_\_\_\_\_. Dino Grandi la formazione di un leader fascista. Bologna: Il Mulino, 1987.
- \_\_\_\_\_, Un fedele disubbidiente Dino Grandi dal Palazzo Chigi al 25 Luglio. Bologna: Il Mulino, 1993.
- NOIRIEL, Gerard. Longwy, immigrés et proletaires, 1880-1980. Paris: PUF, 1980.
- \_\_\_\_\_\_. Le fascisme italien dans le Bassin de Longwy pendant l'entre deux guerres. Risorgimento, v.4, n.1 e 2, p.139-145, 1983.

- OTTANELLI, Fraser e GABACCIA, Donna. Diaspora or International Proletariat? Italian Labor, Labor Migration and the Making of Multiethnic States, 1815-1939. *Diaspora*, v.6, n.1, p.61-84, 1997.
- PARINI, Piero. I fasci italiani all'estero. In: Il Decenale. Firenze: Vallecchi Editore, 1929, p.407-430.
- RAINIERO, Roman. La rivendicazione fascista sulla Tunisia. Milano: Marzorati. 1978.
- \_\_\_\_\_. Politica di potenza e fasci italiani all'estero. In: Di Nolfo, Ennio. L'Italia e la politica di potenza in Europa (1938-1940). Milano: Marzorati, 1988, p.145-147.
- \_\_\_\_\_\_. Le gouvernement français et les italiens de Tunisie (1938-1945) In: Milza, Pierre e Penchanskyi, Denis. Exils et migration - Italiens et espagnols en France, 1938-1945. Paris: Editions L'Harmattan, 1994, p.163-174.
- SALVEMINI, Gaetano. Italian Fascist Activities in the United States. New York: Center for Migration Studies, 1977.
- SANTARELLI, Enzo. Richerche sul fascismo. Urbino: Argalia Editore, 1971.
  \_\_\_\_\_\_\_. Intorno ai fasci all'estero. In: Fascismo e neofascismo. Studi e problemi di ricerca. Roma: Riuniti. 1974, p.113-133.
- Les italiens dans les Alpes maritimes durant les annes 30. In: TEMI-NE, Emile, Gli italiani nella Francia del Sud ed in Corsica (1860-1980). Milano: Franco Angeli, 1988, p.231-238.
- SERRA, Enrico. La burocrazia della politica estera italiana. In: Bosworth, Richard e Romano, Sérgio. La politica estera italiana (1860-1985). Bologna: Il Mulino, 1991.
- SIGNORI, Elisa. La Svizzera e i fuorusciti italiani Aspetti e problemi dell'emigrazione politica, 1943-1945. Milano: Franco Angeli, 1983.
- VALLI, Roberta. Il fascio italiano a Londra. L'attività politica di Camilo Pellizzi. Storia Contemporanea, Roma, v.XXVI, n.6, p.957-1001, dez/1995.
- VENERUSO, Danilo. La politica estera fascista dal nazionalismo alla rivoluzione senza contenuto". Affari Sociali Internazionali, Roma, n.28, p.808-822, out/1975.
- WIEGANDT SAKOUN, Caroline. Le fascisme italien en France. In: Milza, Pierre (org.). Les italiens en France de 1914 a 1940. Collection de L'Ecole Française de Rome 94, Roma: École Française de Rome, 1986, p.279-287.